

CRÔNICA

O futuro professor gayAdonai de Oliveira Gonçalves¹

¹ Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-6632-1095>. E-mail: adonaiprexao@gmail.com.

RESUMO

A crônica retrata a história de um estagiário e futuro professor gay, que reflete sobre alguns conflitos por causa da sua sexualidade. A partir da pergunta de um aluno sobre seu relacionamento, ele começa a pensar em sua vida, nas suas inseguranças e dificuldades para em assumir-se. As lembranças da família, marcada por uma visão religiosa e muito conservadora, ainda pesam e acabam influenciando-o em suas atitudes, gerando medo, culpa e negação. O texto aborda, ainda, como todas essas questões afetam a forma como ele se enxerga e se relaciona com os outros, além do medo do preconceito. Ao mesmo tempo, ao longo do texto, surgem momentos importantes de sua vida, como a entrada em uma universidade e as primeiras experiências (homo)afetivas. No fim, é feita uma dúvida sobre como lidar com tudo isso sendo professor. A pergunta do aluno para o estagiário mostra que ele ainda está tentando se entender melhor.

Palavras-chave: Sexualidade. Insegurança. Preconceito.

ABSTRACT

The chronicle portrays the story of an intern and future gay teacher who reflects on some conflicts related to his sexuality. After a student asks about his relationship, he begins to think about his life, his insecurities, and his difficulties in accepting himself. Memories of his family, marked by a very religious and conservative view, still weigh on him and end up influencing his actions, generating fear, guilt, and denial. The text also addresses how all these issues affect the way he sees himself and relates to others, as well as his fear of prejudice. At the same time, throughout the text, important moments of his life emerge, such as entering university and his

first (homo)affective experiences. In the end, a question arises about how to deal with all of this while being a teacher. The student's question shows that he is still trying to understand himself better.

Keywords: Sexuality. Insecurity. Prejudice.

Era um dia típico. Como em qualquer outro, lidava com a sensação de não pertencer à sociedade à sua volta. Ele, o estagiário e futuro professor, bombardeado de crises existenciais internas por sua sexualidade, apresentava-se com temor de portar-se em sociedade; achava-se aflito, diferente, mas não hesitou em seguir com o seu dia. Pegara o ônibus e partira à escola. Durante os 20 minutos de viagem, ele refletia sobre sua vida acadêmica e sobre seu futuro.

Chegara cedo à escola. Antes mesmo de observar a turma, fora surpreendido com uma pergunta direcionada por um aluno: “Vocês são namorados?” – disse. O estagiário, acompanhado de seu “amigo” (namorado), rapidamente respondeu: “Somos apenas amigos”. Não esperava, pois, ser indagado tão diretamente. Em primeira instância, refletiu sobre o ocorrido e questionou-se por que agira daquela maneira. Ora, não era gay? Não sentia-se abduzido pelo corpo que lhe saciava em todas as suas paixões? Tadinho, não entendeu a razão de sua inverdade com o aluno. A preocupação não era o aluno – era ele mesmo. Consequentemente, imerso no oceano de seus pensamentos, percebeu que suas memórias não se apresentavam como lembrança, mas como presença, atravessando aquele exato momento. Pensou nos pais que, movidos por cada átomo religioso e conservador que constituía-os, repudiavam a ideia de um filho viado. Essa lembrança parecia não estar distante, ela participava ativamente do presente. Trauma. Como poderia, pois, revelar-se ao mundo, quando permanecia trancado em um guarda-roupa para os seus pais? Chegou a acreditar em uma cura, ingênuo. Não existe cura para o que não é doença.

Lembrara que cresceu em um lar cristão, desses em que até o pensamento parece vigiado. Desde pequeno, pedia em oração para ser liberto, na esperança em tornar-se um “ex-gay”. Ora, de nada adiantou. Houve um tempo em que o silêncio pesava tanto que até existir parecia excessivo.

Na organização de seus pensamentos durante as aulas, notava que não era apenas lembrança, mas permanência. Vivia, ainda, aterrorizado com a ideia de ir para o inferno. Fora ensinado sobre o castigo divino, que perseguiria os desobedientes da Bíblia, ideia que persistia em ficar. Relações originadas do mesmo sexo, nesse caso, eram vistas como pecado,

abominação. Pau com pau? Esquece. Entretanto, o desejo aflorado na puberdade tornara a obediência distante. Ainda que não tivesse consumado nenhum tipo de ato homossexual, seus pensamentos voltavam-se aos devaneios de um novo desejo, para além do gostar. Sentia-se culpado, certamente, e ainda reconhecia em si resquícios daquela repulsa, manifestada em forma de nojo. Preferia evitar os espelhos, pois revelavam o pior de si.

Nunca se sentira completamente pertencente. Tentava escapar em pequenas coisas, até no que ouvia escondido. As músicas serviam como antídoto para o seu mundo caótico – e ainda funcionavam. Não tinha muitos amigos e a timidez atrapalhava-o, e, ser gay, também.

Certa vez – recordou – conheceu um homem em um aplicativo de relacionamento e, para maquiagem qualquer imprevisto que o comprometesse, salvou o contato com um nome feminino. Genial, pensou – e imediatamente lamentou.

Suas memórias não eram apenas íntimas. Havia o medo que vinha de fora. Lembrava de um caso próximo, onde uma mulher trans foi encontrada morta depois de vários dias de procura. E lembrava-se da comoção nas redes sociais, dos amigos, da família. Morreu de forma trágica – atearam-na fogo. Uma querida por todos que a conheciam. Bastou apenas um indivíduo. Um com tamanho preconceito e ódio. E isso era suficiente para que ele, ainda hoje, medisse seus passos, seus gestos, seus silêncios.

A aula continuava. A mente, não. Na última etapa da Educação Básica, lembrava-se de ter se apaixonado por Química, mas não imaginava ser professor. A ideia de terminar o Ensino Médio o atormentava: “Onde vou trabalhar?” – pensava. A ideia de faculdade parecia distante até que, com a realização de um exame e a aprovação em um curso de graduação, tudo mudara. Pensou no improvável: ele, agora, ali, estagiário, quase professor, vivendo algo que um dia pareceu distante demais para existir.

Como ser sexual, lembrava-se que se dispôs a deitar-se, enfim, aos 19 anos, com um homem. Nada pareceu tão mágico – estava a desfrutar de sua própria natureza. Seus pais? Não, não sabiam. Sutilmente encontrou uma desculpa para essa ocasião: uma suposta visita à casa de um amigo. Taça de vinho, hormônios à flor da pele, corpo a corpo. O decorrer é intuitivo. Estava vivendo um sonho.

Na graduação, ansiava em encontrar o amor da sua vida. E encontrou. Isso também passava-lhe na cabeça naquele dia. Realizado, porém, ainda enfrentava seus demônios – que não eram como o Lúifer da série na Netflix. Ocorre que o armário permanecia fechado (exceto dentro dos muros da comunidade acadêmica). Pobrezinho, lidava com a ideia futura de ser um professor, mas gay. Sobreposição de medos. E se os pais descobrissem? Ser um professor gay influenciaria na relação com seus alunos?

A pergunta do aluno ainda ecoava.

– Vocês são namorados?

Talvez a resposta nunca tivesse sido para o aluno.

Talvez ainda não fosse para ninguém.

Quem diria que ser diferente na sociedade carregaria tantas inseguranças.